



SÃO MIGUEL E RINCÃO DOS MARTIMIANOS

ANCESTRALIDADE
NEGRA E DIREITOS
TERRITORIAIS



ORGANIZADORES :

JOSÉ CARLOS GOMES DOS ANJOS

SERGIO BAPTISTA DA SILVA


COMUNIDADES
TRADICIONAIS


UFRGS
EDITORA

SÃO MIGUEL E RINCÃO DOS MARTIMIANOS



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL**

Reitora

Wrana Maria Panizzi

Vice-Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Pró-Reitor de Extensão

**Fernando Setembrino
Cruz Meirelles**

Vice-Pró-Reitora de Extensão

Renita Klüsener

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Jusamara Vieira Souza

**CONSELHO EDITORIAL
Antônio Carlos Guimarães**

Aron Taitelbaun

Carlos Alberto Steil

Célia Ferraz de Souza

Clovis M. D. Wannmacher

Geraldo Valente Canali

José Augusto Avancini

José Luiz Rodrigues

Lovois de Andrade Miguel

Maria Cristina Leandro Ferreira

Jusamara Vieira Souza, presidente

Editora da UFRGS • Av. Paulo Gama, 110, 2º andar - Porto Alegre, RS - 90040-060 - Fone/fax (51) 3316-4090 - editora@ufrgs.br - www.editora.ufrgs.br • **Direção:** Jusamara Vieira Souza • **Editoração:** Paulo Antonio da Silveira (coordenador), Carla M. Luzzatto, Maria da Glória Almeida dos Santos e Rosângela de Mello; suporte editorial: Andréa Lisboa Ilha (bolsista), Carlos Batanoli Hallberg (bolsista), Fernando Piccinini Schmitt, Gabriela Carvalho Pinto (bolsista) e Luciane Santos de Souza (bolsista) • **Administração:** Najára Machado (coordenadora), José Pereira Brito Filho, Laerte Balbinot Dias e Maria Beatriz Araújo Brito Galarraga; suporte administrativo: Ana Lucia Wagner, Jean Paulo da Silva Carvalho, João Batista de Souza Dias e Marcelo Wagner Scheleck • **Apoio:** Idalina Louzada e Laércio Fontoura.

SÃO MIGUEL E RINCÃO DOS MARTIMIANOS:

ANCESTRALIDADE NEGRA E DIREITOS TERRITORIAIS

Organizadores:

José Carlos Gomes dos Anjos

Sergio Baptista da Silva



© dos autores
1ª Edição: 2004

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Ivan Vieira

Revisão: Luís Augusto Junges Lopes
Gabriela Carvalho Pinto

Editoração eletrônica: Núbia Huff

S239 São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais / organizado por José Carlos Gomes dos Anjos e Sergio Baptista da Silva; losvaldyr Carvalho Bittencourt Júnior... [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2004.

(Série Comunidades Tradicionais).

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Perícia socioantropológica. 3. Estudos etnográficos – São Miguel – Rincão dos Martimianos – Rio Grande do Sul. 4. Comunidades negras rurais – Quilombos – Rio Grande do Sul. I. Anjos, José Carlos Gomes dos. II. Silva, Sergio Baptista da. III. Bittencourt Júnior, losvaldyr Carvalho. IV. Título. V. Série.

CDU 572

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(Ana Lucia Wagner – CRB10/1396)

ISBN: 85-7025-740-6

RELATÓRIO AGRO E SOCIOECONÔMICO

José C. Gomes dos Anjos
Fernanda Pereira

Pretendemos nesse tópico correlacionar as atividades econômicas praticadas em São Miguel ao processo social de apropriação e configuração desse território negro, tendo em vista explicitar o modo como essa especificidade sociocultural vem sendo confinada e ameaçada de erradicação. A organização social dessa comunidade negra está intrinsecamente correlacionada aos valores culturais fundamentais do grupo, assim como às técnicas produtivas e aos conhecimentos agronômicos tradicionais nela implementados. São esses valores culturais, técnicas e conhecimentos, carregados pelo grupo, que estão ameaçados em sua existência pelo contínuo avanço sobre as terras de São Miguel, da modalidade hegemônica de agricultura.

Antes de avançarmos nesse ponto, apresentaremos, brevemente, os aspectos agroecológicos do município onde se localiza São Miguel e a morfologia socioeconômica da comunidade. Restinga Seca emancipou-se do município de Cachoeira do Sul em 25 de março de 1959. Distante da capital em cerca de 250 km, o município perfaz uma área de 954,76 km², dos quais cerca de 63% está apta para lavouras anuais intensivas e os 37% do restante da área estão suscetíveis ao alagamento temporário ou com lençol freático superficial (EMATER).

Hidrografia local

O município de Restinga Seca é cercado pelos seguintes rios: Jacuí, Vacacaí, Vacacaí-mirim, Arroio Divisa e Rio Soturno. O rio Jacuí é o principal curso de água que atravessa essa região, desaguando na laguna Guaíba. As margens baixas e planas do rio e de seus afluentes terminam em uma acumulação fluvial, onde apresentam algumas áreas brejosas, sujeitas a inundações periódicas (Itaqui et al., 1998).

A água desses cinco rios é utilizada na irrigação mecânica nas lavouras de arroz, onde são construídos açudes para o armazenamento da água. Nos períodos de verão, os rios Mirim, Arroio Divisa e Soturno possuem o curso rápido, não sendo benéficos para a irrigação das lavouras.

Aspectos climáticos

Nessa região, ocorrem as quatro estações bem definidas, com temperaturas médias de 12 a 14°C no inverno e de 20 a 24°C no verão. A precipitação anual em períodos normais varia de 1200 a 1400mm. Os períodos de estiagem são bem representativos, ocorrendo freqüentemente nas épocas de verão, dificultando o cultivo das plantações e a hidratação do gado. O clima da macrorregião demonstra que os períodos de menos chuva são os meses de novembro, dezembro e março (IBGE, 1990). Localmente, os meses de maior estiagem são os de dezembro a março.

Nos períodos chuvosos, acontecem fortes inundações nas áreas de várzeas, caracterizando uma possível área de microclima nas proximidades das margens dos rios Jacuí ou Vacacaí, apesar de serem locais sujeitos a enchentes.

Geomorfologia

O município de Restinga Seca está localizado na unidade da Depressão Periférica – sedimentos do eo-permiano ao eo-cretáceo. Essa unidade caracteriza-se por uma faixa de terra menos acidentada, situada entre a periferia do escudo rio-grandense e a Serra gaúcha. A planície rebaixada é constituída pelas rochas sedimentares da bacia do Paraná. A bacia do Paraná está sobre os terrenos pré-cambrianos, incluindo as formações sedimentares acumuladas do Siluriano até o Triássico. Nos períodos pós-jurássicos, a sidementogênese na Bacia do Paraná originou os depósitos de arenito Caiuá, Tupanciretã, Santa Tecla e outros, sobre os derrames de basalto (Leite, 1995).

Relevo e solo

A Depressão Periférica, também conhecida como Depressão Central Gaúcha, pela sua posição geográfica no Rio Grande do Sul, é constituída por variações altimétricas. As maiores cotas se situam por volta de 200m, nas quais dominam as amplas e alongadas formas de topos convexos ou planos. As encostas dessas cotas caem suavemente na direção dos vales, com aprofundamentos médios em torno dos 40m. Regionalmente, essas formas descritas são conhecidas como coxilhas (Brena e Longhi, 1998).

Os solos dessa região podem ser classificados fitoecologicamente como solos Podzólico Vermelho-Escuro. Essa classificação abrange os grupos distribuídos pela região estacional decidual (Vale do rio Jacuí, Ibicuí-mirim e Santa Maria).

No município de Restinga Seca, o solo é representado por três unidades de utilização agrônômica com as seguintes denominações: Solo Vacacaí, São Pedro e Santa Maria. A unidade de Solo Vacacaí possui uma extensão de área de + ou – 34.000 hectares. Nessa área, estão situadas as várzeas dos rios Vacacaí, Jacuí, Vacacaí-mirim, Arroio Divisa e Soturno. São solos planos que apresentam excesso de deficiência de drenagem. Essa área é normalmente utilizada para a cultura do arroz, mesmo com os problemas de inundação durante os períodos de chuva. Quando em pouso, elas são usadas para o pastoreio do gado. A unidade de solo Santa Maria está em uma posição intermediária entre os solos de maior elevação nas coxilhas e a várzea. Essa unidade é caracterizada pelo solo desgastado, pela baixa produtividade e pela presença de erosão.

A unidade de solo de São Pedro está situada nos solos mais altos, nos quais a EMATER acredita que a sua extensão é a mais representativa, alcançando uma área de + ou – 36.800 hectares. A unidade de São Pedro é largamente utilizada para pastoreio e agricultura. Caracteriza-se por um solo de baixa fertilidade com evidência de erosões.

A agroeconomia de São Miguel

Das 37 localidades do município, quatro são comunidades rurais negras resultantes da desagregação da sesmaria da família Carvalho: São Miguel, Campestre, Varginha e Martimianos. Essas são as comunidades mais empobrecidas e é nelas que se encontra a produção familiar com menor área de manejo por família. Para se ter uma idéia do grau de desapropriação das comunidades negras citadas, basta considerar que no município de Restinga Seca, que se pode considerar um município onde predominam pequenas propriedades, 51,42% do total dos estabelecimentos rurais pos-

suem áreas que varia de 0 a 20 hectares e que 38,24% têm áreas de 20 a 100 hectares e 8,52%, de 100 a 500 hectares. Nessas comunidades rurais negras, a média atual de utilização da terra é de meio hectare por família (São Miguel tem 95 famílias e uma área atual de uso de menos de 50 hectares). O município registra aproximadamente 1.057 tratores equipados, 248 máquinas para colheita (automotriz), nenhuma em qualquer dessas comunidades negras, que perfazem algo em torno de duzentas e cinquenta famílias.

Com relação especificamente a São Miguel, trata-se de uma comunidade de 95 famílias, cada uma com quatro a cinco pessoas em média, totalizando 417 pessoas. É claro que é só por artifício que homogeneizamos os critérios de definição de família, adotando a noção de um fogo por família, quando a comunidade tem, conforme as circunstâncias, uma concepção muito mais fluida, que se alarga ao tronco familiar como família extensa e se reduz à casa em um esquema mais restrito de classificação.

O grau de empobrecimento das famílias de São Miguel pode ser avaliado se considerarmos que a soma da remuneração de todos os membros da família em um ano é de, em média, R\$ 3346,00, o que significa que cada pessoa em São Miguel tem, em média, R\$ 729,00 para o ano todo. Esse é o rendimento proporcionado pela aposentadoria de uma parte dos mais idosos (com frequência, pessoas em condições de se aposentarem não tiveram ainda o acesso ao direito) e pelo trabalho nas lavouras vizinhas de arroz, fumo e soja. Como pode ser visto no quadro abaixo, para cinquenta e quatro por cento das famílias de São Miguel, a soma das aposentadorias e das remunerações dos adultos com participação no mercado de trabalho local não chega a R\$ 4000,00 ao ano.

Distribuição de famílias por faixas de rendimento anual, sendo os valores a soma das rendas anuais de todos os componentes da família

total anual	qt. cit.	freq.
não resposta	14	14,7%
menos de 4000	52	54,7%
de 4000 a 8000	24	25,3%
de 8000 a 12000	5	5,3%
total cit.	95	100%

No quadro, os valores estão em reais (R\$)

Mínimo = 2, Máximo = 26280

Soma = 295373

Média = 3646,58 Desvio padrão = 3292,83

A maior parte dos adultos tem atividade remunerada entre os meses de novembro e abril, ficando sem remuneração pelo resto do ano. Nesses meses de poupança, os adultos com condição física para os trabalhos pesados nas lavouras de arroz e fumo dos vizinhos recebem R\$ 12,00 por dia. Como na maior parte das famílias apenas uma pessoa está inserida nesse tipo de atividade remunerada (sessenta e seis por cento das famílias, conforme quadro abaixo), somada à aposentadoria de um ou dois membros idosos, tem-se, nesses que são os “melhores” meses do ano, uma composição de R\$ 730,00 por família/mês. Com cinco pessoas em média, as famílias de São Miguel, nos melhores meses do ano, têm R\$ 730,00 e nos piores chegam a não ter nenhuma renda, vivendo de uma horticultura de provimento e do que foi poupado ao longo dos cinco a seis meses de trabalho sazonal.

Pessoas com atividade remunerada por família na comunidade de São Miguel

remunerados	qt. cit.	freq.
não resposta	20	21,1%
menos de 2	63	66,3%
de 2 a 3	9	9,5%
de 3 a 4	2	2,1%
mais de 4	1	1,1%
total obs.	95	100%

No quadro, os valores estão em reais (R\$)

Mínimo = 1,00, Máximo = 8,00

Soma = 128,00

Média = 1,71 Desvio padrão = 1,09

Como é praticamente inexistente a produção agrícola para o mercado nessas famílias, poderia-se dizer que em São Miguel vive-se da horticultura para provimento, da aposentadoria e da venda de uma mão-de-obra extremamente depreciada. Como cada trabalhador braçal recebe anualmente cerca de R\$ 2500,00, fica claro que o trabalho nas lavouras não garante a reprodução da força de trabalho empregada nela. São, na verdade, os trabalhos feminino e infantil nas pequenas hortas locais que garantem essa reprodução. As grandes lavouras são, nesse sentido, parasitárias da produção doméstica.

Soma (em reais) da remuneração de todos os componentes da família no mês de mais atividades agrícolas

total	qt. cit.	freq.
não resposta	17	17,9%
menos de 700	60	63,2%
de 700 a 1400	7	7,4%
de 1400 a 2100	1	1,1%
de 2100 a 2800	9	9,5%
mais de 4200	1	1,1%
Total obs.	95	100%

Mínimo = 12, Máximo = 4320

Soma = 57013

Média = 730,34 Desvio padrão = 944,40

Por duas razões fundamentais, São Miguel acabou se constituindo como uma comunidade de horticultores que complementam seus dividendos agrícolas com remunerações obtidas através da prestação de serviços nas plantações vizinhas. A primeira tem a ver com a própria história dessa formação social alternativa ao sistema escravista. Na medida em que os grandes senhores da região apostaram, no fim do século passado, na pecuária, açambarcando a maior parte das terras de campo, restou àqueles que buscavam escapar da escravidão a agricultura nas poucas formações florestais de uma região de savana. São, portanto, os valores do grupo, tecidos ao longo de toda uma história de segregação combinada a uma ecologia muito específica, o fato de o território escolhido pelos ex-escravos ter sido uma região periférica de matas, que conformou São Miguel como uma comunidade de horticultores.

A razão para que a comunidade acabasse se transformasse em uma aldeia de recrutamento de mão-de-obra barata tem a ver com os constrangimentos impostos por essa mesma história, nomeadamente o confinamento territorial e a ausência de recursos para enfrentar um mercado capitalista devastador para famílias de pequenos produtores sem acesso a créditos.

Assim, a formação produtiva que se configura em São Miguel dos Pretos não é independente dessa história de apropriação de terras definidas como impróprias para a pecuária, e que, portanto, permite a instalação de um projeto agrícola marginal. Os constantes processos de expropriação a que esse território negro se viu exposto confinaram a comunidade à extensão mínima de terra para uma população crescente, de tal

modo que mesmo as estratégias de migração não conseguiram conter o processo de reprodução negativa.

Atropelada pelo processo de implantação e reprodução das colônias de imigrantes europeus, a comunidade de São Miguel respondeu ao desafio da sobrevivência se configurando como uma comunidade de horticultores tradicionais que manejam a terra, geralmente, através do uso de ferramentas manuais, com pouca ou nenhuma medida de trato fitossanitário.

De um total de cento e vinte famílias que constituem a comunidade da Restinga Seca, pode-se contabilizar sessenta e cinco hortas familiares. Se levarmos em conta o caráter extensivo das famílias de São Miguel, que apenas sob um golpe de abstração podemos contabilizá-las, reduzindo-as à família nuclear, poderia-se dizer que todas as famílias possuem horta. É como nos explica o vice-presidente da associação, José Leonir:

Tem muito poucas famílias que não têm [horta]. Mas essa família que não tem propriamente geralmente é assim: três, quatro filhos casados, ou cinco, e estão morando bem próximos do pai e da mãe e aí então aquela troca de serviço: ele planta lá junto um pedacinho, um canteiro ou dois lá na horta da mãe. Quando a mãe e o pai não estão, ele vai lá. Ela é casada, mora na casa dela, mas vai lá e cuida da horta, limpa. Daí tem aquele conjunto, quer dizer, na realidade não falta, mas se fosse botar esse específico por cada um na sua casa, fica muito pouco aqueles que ainda não têm horta, não aderiram ao seu sonho, o seu sonho de plantar na horta, de ter a horta própria. (José Leonir Carvalho)

Essa fala faz uma explícita alusão contrastiva com a situação no meio urbano. Se lá o sonho é o da casa própria, aqui ter uma casa não basta, o sonho aqui não é esse. A horta é, geralmente, um cercado de bambu de vinte a trinta metros quadrados, localizada a não mais do que a dez metros da casa, que é, geralmente, uma peça de madeira de, no máximo, dez por cinco, com menos de três divisões internas, em média.

É a horta que garante à família um estoque de bens alimentares que reduz significativamente a necessidade de recorrer ao mercado local. Essa produção quase nunca é destinada ao comércio. Não deve-se afirmar, contudo, que se trata de uma produção de subsistência, se levarmos em conta as considerações de Godoi (1999) de que esse tipo de produção para provisão fornece à família seu “costumeiro estoque de bens, tem seus limites na produção e não possui propensão inerente para o trabalho contínuo”. Trabalha-se na horta o suficiente para uma produção de alimentos que permite a sustentação de pequenas redes de solidariedade interfamiliares e entre vizinhos, sem que seja necessário levar à exaustão nem os recursos naturais nem os humanos, como suporia uma situação de busca frenética pela sobrevivência (definição pressuposta no conceito de economia de subsistência).



Uma comunidade de horticultores tradicionais.

Salvo pela implantação recente de uma cooperativa, o comércio de bens agropecuários é geralmente visto com certa desconfiança, considerada típica prática dos “gringo” e dos “alemão”. Roberto ressalta, no extrato seguinte da entrevista, como o senso interno de reciprocidade, conjugado com uma certa indisposição para uma concorrência mais agressiva, deixa a produção da comunidade fora do mercado monetário:

Eu tinha vinte e poucos porcos aqui no meu chiqueiro. Daí como é que eu fazia? Era só pro consumo. De repente, começou a talhar um porco aqui pro fim de semana. Amanhã, depois, eu vou aparecer denunciado lá na consultoria veterinária, que eu estou abatendo animais e eu vou ser punido. Eles podem tudo, mas o negro não. Se eles ficam sabendo que aquilo ali começou a andar: “eu vou derrubar antes que ele cresça”. Aí eles vão lá, o alemão aí sei lá quem é que é, mas vão lá e simplesmente: “Não pode fazer isso porque está sendo proibido por isso e por isso”. Então a gente cria assim como eu estava dizendo. A gente até poderia vender o que a gente troca, mas a gente olha pro lado e vê que a necessidade de um é a mesma dele. Então quer dizer que a gente então costuma ser mais solidário um com o outro, dizendo assim: “porque o meu amanhã eu não sei, ele pode ser bom, ou pode ser ruim, agora se ele tiver bem, eu também vou estar bem”. (José Leonir Carvalho)

A quebra nas regras de reciprocidade é percebida, sobretudo, na concorrência desleal, geralmente associada às interações com os “gringos”. Aqui, também o contraste é construído de forma emblemática na afirmação constante de que os membros da comunidade preferem manter-se em uma produção caseira. Mas além do ethos do grupo, fortemente centrado em regras de reciprocidade, existem limites objetivos às possibilidades de produção para o mercado. Esses limites têm a ver com falta de acesso ao crédito, à área extremamente reduzida e à ausência de apoio técnico.

Aqui raramente a gente vende. Mais é pro consumo. Até porque a gente, pra vender, teria que plantar em uma área maior, e pra plantar em uma área maior o pessoal daqui não tem condições de investir na terra e depois se sustentar ali trabalhando, entendeu? Como é que eu vou plantar, vamos supor, vou plantar um hectare no caso. Se eu vou cuidar de um hectare, eu vou colocar uma horta de um hectare, mas eu preciso investir ali naquela horta e eu não tenho um aquisitivo pra me manter o sustento básico da minha casa e o meu dia-a-dia... Então, o que eles fazem? A pessoa reduz o tamanho da área de plantio, até porque não se tem um apoio, vai buscar um apoio aí pra criar uma horta, exigem mil e uma coisa. Veja aí esse caso, eles vão exigir um sombrete,

vão exigir uma análise de terra, vão exigir um título de terra pra ti poder pegar um financiamento. Então, são coisas que fogem da alçada de quem não tem uma titulação verdadeira. (José Leonir Carvalho)

O modo como o *ethos* do grupo se conjuga a esses limites objetivos é típico da forma como nas classes desapropriadas a necessidade se transforma em virtude. Poder-se-ia, na esteira de Bourdieu (1979), ressaltar aqui as homologias entre a economia dos bens simbólicos e a dos bens materiais, para se entender essa recusa à comercialização:

O princípio das diferenças mais importantes na ordem do estilo de vida, e mais ainda, da estilização da vida, reside nas variações da distância objetiva e subjetiva do mundo, aos seus estrangimentos materiais e às suas urgências temporais... A submissão à necessidade que... inclina as classes populares a uma estética pragmática e funcionalista, recusando a gratuidade e a futilidade dos exercícios formais e toda a espécie de arte pela arte, está também no princípio de todas as escolhas quotidianas e de uma arte de viver, que impõe excluir como loucuras as intenções propriamente estéticas. (Bourdieu, 1979, p. 438)

Na ausência de condições objetivas de produção em maior escala, produz-se para fortalecer as redes internas de solidariedade e se considera quase eticamente problemática a comercialização dos produtos da horta. Nessa inversão, é a arte pela arte que se impõe sob os efeitos da necessidade, a necessidade transformada em arte de viver, portanto, em ética.

Como é que ele vai empenhar uma coisa que ainda não é dele, é terra de herdeiros. Aqui está indeterminado, eu não tenho o meu pedaço definido, ele não tem o pedaço dele definido. Então, quer dizer, isso aí não serve como negócio lá no banco lá, então a gente vai fazer o quê? Reduzir essa horta num porte que ele e a família possam conservar e dali ele vai tirar as coisas pra um, de ajuda. (Alvonir Carvalho)³⁷

O não-acesso ao crédito agrícola manteve a comunidade presa a um manejo através de ferramentas manuais, enquanto assistiam à utilização do trator nas plantações vizinhas.

Sabe o que é que aconteceu? As coisas foram modificando. Veio a evolução e o que é que aconteceu foi no caso do ale-

³⁷ Ajudava no processo de plantio da área.

mão, o gringo. O que acontecia é que quando o brasileiro conseguia lavrar de boi, o alemão e o gringo lavravam de cavalo e o cavalo era um pouco mais caro. E nós tiramos uma base aqui com os vizinhos: nós com boi e eles com cavalo. Então, o que o boi numa junta faz em um dia, o cavalo faz muito mais diferença. Se vai cultivar uma terra, aí vai passar o cultivador, o que vai fazer numa área ali, um hectare com uma junta de boi, vai fazer com uma junta de cavalo pra ver o que rende. Dali eles já mudaram, pra eles tiveram mais sorte e foi mudando. Aconteceu que eles conseguiram comprar um trator e nós ficamos só nos bois, não conseguimos chegar nem nos cavalos. Esse é que foi o problema. (Alvonir Carvalho)

Os moradores de São Miguel tiveram contato com o maquinário agrícola na condição de trabalhadores diaristas nas fazendas vizinhas. Mesmo se alguns tenham se tornado hábeis utilizadores desse maquinário, poucas vezes fizeram uso dessa tecnologia nas áreas da comunidade.

Na impossibilidade de sustentação da família exclusivamente com a produção das hortas, instaurou-se um tipo parcial de divisão do trabalho em que as mulheres se dedicam às hortas durante a semana e os maridos, nos fins de semana. Em casos, muito freqüentes, em que os maridos moram na cidade (Restinga, Santa Maria ou Porto Alegre) e só retornam uma a duas vezes por mês, são as mulheres e as crianças que cuidam da horta. É o caso de Dona Santa: “eu planto mandioca, milho. Esse ano, quero ver se eu planto um feijãozinho... batata doce, amendoim... de tudo um pouco a gente tem que plantar, não é?”

Não visando ao lucro, o que é produzido nas hortas caseiras é para o consumo e para troca. Assim, o calendário agrícola obedece ao imperativo do consumo (com seus momentos simbólicos), aos condicionantes climáticos, a todo um tecnossimbolismo intensamente atento aos ciclos lunares e às influências do calendário religioso.

A gente se orienta muito pela lua. Uma pra aquecimento, outra pra que a planta venha uma planta mais sadia. Então, a gente tem que plantar o feijão no período da lua minguante, dá até pra plantar na crescente também é bom, é uma lua boa. Então, a gente se orienta muito pelo fator deses. A gente se orienta, por causa da conservação da planta ser mais sadia e o longo tempo de vida que ela vai ter ser mais *durativo*. (José Leonir Carvalho)³⁸

³⁸ Tem muita experiência com manejo da lavoura.

Na interseção dessa série de ciclos temporais, instaura-se um calendário que deve produzir mandioca para o Natal, aproveitar o verão para se semear as plantas da família das cucurbitáceas e, sobretudo, um calendário atento aos ciclos religiosos e lunares. Se a relação com a terra é tão fundamental em São Miguel, ela é pensada na interseção entre os ciclos naturais e os ciclos humanos. E o ponto mais denso de simbolismo dessa interseção é a morte que se monumentaliza no Dia dos Finados.

Enterro e semeadura se constituem, em 1º de novembro, como metáforas recíprocas, em que a eficácia simbólica do atrelamento do homem à terra é reforçada pela eficácia material da semeadura nessa época do verão.

De outubro até novembro, a gente costuma fazer o plantio do aipim. Aí plantio da batata doce, milho propriamente. Depois de novembro, aí dessa época pra frente, a gente quase não planta por medo de correr mais o risco. Então, a gente planta o milho até talvez mais cedo, aí por fim de agosto, vamos supor. Se planta mandioca em agosto também, porque a gente aproveita pra ela vir mais cedo. Na época do Natal, a gente já tem esse fruto. No final do ano, a gente já está colhendo alguma coisa. Então a gente usa mais ou menos nesta faixa etária do tempo. Mas aí vem com outros plantios. No caso, a gente vai plantar na horta uma cenoura, então a gente procura na época do clima mais tropical, ou seja, a gente vai começar a fazer o semeio agora até esse fim de mês de janeiro. Que na época que mais ou menos querendo ficar frio, vai cair geada, aquela geada não vai queimar aquela planta... Mas a gente também se planta no verão, uma planta de baraço, a gente começa a plantar mesmo é no Dia dos Finados, que a gente tem o costume de plantar aqui no Dia de Todos os Santos, então, quer dizer, a princípio nesse mês de novembro. (Roberto Potássio Rosa)³⁹

Dia dos Finados é em São Miguel intensamente marcado por todo um ritual de visita ao cemitério onde estão enterrados os ancestrais da comunidade. Em algum momento desse dia intenso, os mais dedicados às suas hortas aproveitam para plantar e aguardam um surgimento vigoroso da plantação. Se esse início de novembro coincide com a lua crescente é mais certa ainda a associação entre o vigor da terra da ancestralidade e o do crescimento lunar.

Por esse complexo calendário de atividades agrícolas, os moradores de São Miguel unem a simbologia da lavoura a uma lógica de produção horticultora, que visa ao provisionamento com a retenção da atenção

³⁹ Também possui uma vasta experiência em manejo de solo.

do homem aos ciclos da natureza. É desse modo que as terras de São Miguel se fazem terra natal para um grupo social tão entranhado que a desterritorialização significaria morte cultural.

Guerra ecológica

Em São Miguel dos Pretos, a natureza não é apenas um objeto para a ação humana. A relação que essa comunidade de horticultores estabelece com a terra é de entranhamento simbólico como condição e suporte da apropriação material. Trata-se de uma comunidade local dotada de uma parcial autonomia alimentar, baseada em pequenas tecnologias de horticultura, guiada por um holismo ético que tem raízes em uma prática secular de resistência à degradação da natureza e do valor do trabalho manual.

A horta, mais do que a casa, simboliza a família em São Miguel. Um novo casal pode morar no terreno dos pais construindo um anexo, pode cozinhar na nova peça, ter filhos, mas sua autonomia como núcleo familiar fica estabelecida quando os esposos são autorizados a abrir uma pequena horta de, em média, vinte metros quadrados.

A continuidade de uma família extensa fica, assim, delimitada por todos aqueles que usufruem de uma mesma horta, e pela existência da horta se asseguram a sustentação parcial e a unidade desse segmento social.

Na medida em que para abrir uma nova horta é necessário se assegurar da autorização daquele(a) "velho(a)" que cuida do conjunto da área, a unidade social superior à família extensa, que é o tronco familiar, se vê, desse modo, reforçada por um conjunto de funções vinculadas às atividades produtivas.

Assim, a horta está no cerne dos mecanismos de mediação da legitimidade tradicional, do fortalecimento das estruturas de parentesco e da normatização do processo de transmissão do patrimônio entre as gerações. A horta é o suporte material de uma teia de laços de pertencimento, hierarquia e reciprocidade entre os membros da grande família que é São Miguel.

Se no trecho seguinte de entrevista Roberto interpreta as relações de reciprocidade tecidas em torno da horta como uma formalidade, talvez seja porque existam regras implícitas que, mesmo que não baseadas no cálculo, assegurem compensações fundamentais para um grupo social que vive à beira da insegurança alimentar. É como se as relações de reciprocidade funcionassem como uma espécie de seguridade social:

Eu não plantei mandioca este ano, mas ele vai colher e eu vou comer mandioca também. Mas em compensação eu tenho aqui um feijão, tenho um pé de alface que ele não tem lá. Ele não plantou este ano. A gente não vai assim especifi-

camente fazer uma troca um com o outro. Mas a gente olhando o que ele não tem... – “tem tal coisa lá?” – “tenho!” – “então vai lá pegar, ou manda uma criança levar”. A troca existe nessa formalidade aí de a pessoa olhar quando o outro não tem, ou tem, vai lá e pega. (Roberto Potássio Rosa)⁴⁰

Com tão poucos recursos, extremamente confinados em termos de espaço, a lógica da reprodução em São Miguel tem como base um ethos fundado na generosidade que permeia não só a troca de bens alimentares, mas também o senso de ocupação dos espaços.

Olha, se a gente fosse fazer uma média de hortas uma pela outra, isso aí ia ficar em torno de quarenta até sessenta. Uma faixa de sessenta metros... porque tem muita gente que tem uma horta pequena. Eu ali, eu e meu sobrinho, meu sobrinho e a minha irmã, a gente já tem uma horta de uns quarenta metros pra gente aqui. Daria pra plantar mais, mas assim fica mais fácil, mais fácil o cultivo, mais fácil pra cuidar. A gente só aproveitava, o que manda ali é aproveitação de espaço, plantio na hora certa e também no cultivo, conservar ela. (José Leonir Carvalho)⁴¹

Assim que termina a colheita, trinta a cinqüenta galinhas são colocadas na horta para adubarem-na, ao mesmo tempo em que se alimentam dos restos da colheita. Um intenso trabalho de recolha dos estercos nos pastos da vizinhança complementa o trabalho de fertilização do solo da horta. Dessa forma, feijoeiros e cereais crescem em uma relação de simbiose com aves soltas na horta em épocas específicas. A sustentabilidade desse sistema de produção se vê reforçada atualmente pela divulgação de conhecimentos agroecológicos, mas tais conhecimentos só penetram o sistema local porque dialogam com as experimentações testadas ao longo de um século.

Uma dessas experimentações é a mistura de diferentes espécies em um mesmo espaço extremamente reduzido (aproximadamente vinte metros quadrados), proporcionando uma série de vantagens pela diversidade biológica de diferentes espécies e variedades. Em primeiro lugar, assegura-se um melhor equilíbrio nutricional do que se copiassem os vizinhos em suas imensas extensões de soja ou arroz, pois essas misturas apre-

⁴⁰ Mantém relações de troca com os vizinhos reproduzindo uma prática comum na comunidade.

⁴¹ Reproduz uma relação de compadrio com Roberto e também de consumo e produção.

sentam diversidade quanto aos tempos de germinação, floração, crescimento, formação de sementes e colheita. Essa variação é fundamentalmente ajustada ao ritmo cultural da comunidade, seus tempos de comemoração, além de assegurar algum tipo de alimento recém-colhido ao longo de quase todo o ano.

Um espaço mínimo para a horta, poucos recursos financeiros e muito cuidado no manejo são o que José Leonir ressalta:

A horta realmente, a gente acha que não dá serviço, mas dá serviço. Agora, pra tu ver: inclusive agora no inverno, todo o inverno trabalhando na horta, sempre, sempre me levantava e sempre tem coisa pra fazer... Tu tem que ir no mato buscar adubo, colocar, tu tem que capinar, tu tem que plantar. Olha, sempre tem serviço, nunca acaba, nunca até chegar a época que o cara começa a se alimentar pra ter que comer, é serviço direto. (José Leonir Carvalho)

Mas não é apenas a ausência de recursos ou conhecimentos que torna contrastivo o modo como os horticultores de São Miguel manejam a terra e a forma agressiva com que seus vizinhos depredam-na. Como trabalhadores das plantações vizinhas, o trabalhador de São Miguel conhece bem o uso dos agrotóxicos, é obrigado a manejá-los nas fazendas dos outros, mas tende a evitar sistematicamente a utilização desses insumos em suas próprias hortas. A preservação de um modo de lidar repassado de geração em geração é aqui não apenas uma opção técnica, mas, sobretudo, cultural. Estratégias de reprodução cultural ficam hoje reforçadas pelas campanhas ecológicas por uma alimentação mais saudável, mas aquela primeira injunção – a da preservação de um patrimônio cultural – é a mais premente, pois o que se ressalta em São Miguel é a disposição para o trabalho.

O que a gente faz aqui é tudo prática que a gente aprendeu do pai dele, da falecida mãe dele, eu com a minha mãe. O senhor sabe, ela é cega. Me criei assim, mas tive uma falecida avó e tudo o que ela plantava aqui ela fez de enxada, fez de pá, viradinho a pá. O colono, hoje em dia, ele faz tudo virado a trator, ali vai o adubo, ali vai a uréia, vai toda essa tecnologia moderna que tiver aí, eles usam tudo e colocam na terra. E tudo que a gente tem aqui, a gente faz no braço, na mão, na mão calejadinha por causa da pá. Aqui é tudo no sistema dos antigos. Eles usam o adubo porque eles, eles não olham pra lua pra plantar, eles olham muito a tecnologia que eles têm, os insumos que eles têm pra colocar. (Roberto Potássio Rosa)⁴²

⁴² Vive muito da prestação de serviços no entorno.

As diferenças são ressaltadas pelas falas de São Miguel como um contraste entre uma população dotada de poucos recursos, mas com a disposição para seguir o “sistema” ou o “ritmo” dos antigos, e os colonos que dispõem de recursos e agridem e desmatam a natureza. Do ritmo antigo se ressalta seu caráter intensamente manual.

É diferente, então nós seguimos sempre o ritmo antigo, não tem como mudar, não é? Eu acho que já com o adubo do mato e de galinha e de porco é um adubo orgânico que não tem veneno, não tem nada. Então, ele já é outro tipo de adubo. Então, é sempre assim e o que não tem vai jogando, fazendo qualquer coisa, ou vai na horta, mata à mão as lagartas e curtindo um pouquinho por cima e vai ajeitando. (José Leonir Carvalho)⁴³

Trata-se aqui de uma outra sensibilidade baseada em um contato profundo entre o grupo e o solo, a vida animal e vegetal, o sol, o vento, a lua.

Na minguate, a mandioca da melhor tem mais duração, por exemplo, feijão e alface, na crescente, o repolho na crescente. Isso tudo tem um tipo de lua, por exemplo, na nova, na nova se planta aí a moranga. Planta de barão como batata doce se planta na nova e, por exemplo, melancia não é adequado se plantar na nova, porque ela, na nova, quando nasce, ela alarga tudo, mas ela não dá bem. O milho também se planta na nova e eu sempre planto e por isso que dá... (Roberto Potássio Rosa)

Essa sensibilidade aos ciclos naturais, esse cuidado intenso de recursos parcos, esse entrelaçamento intenso da lógica da reprodução social com a dos ciclos da natureza, é essa inserção ecológica que vem sendo agredida desde a chegada dos colonos na região.

O desmatamento que os vizinhos promovem nos arredores para as grandes plantações de tabaco, arroz e soja atrofia na comunidade toda uma série de atividades extrativistas, como a recolha de ervas medicinais, a caça e pesca não-predatórias. E no jogo de forças institucionais, os moradores de São Miguel sabem que quase sempre saem perdendo. Evitar o conflito aberto sempre que possível é aqui também uma estratégia de permanência no território.

Nessa aqui eram três solteironas, agora são duas e o que acontecia era o seguinte: tinha um mato aqui, por isso é que eu

⁴³ Vive muito do trabalho de diarista e sabe das épocas de plantio.

falei da divisa, era um mato isso aqui. Elas pegaram e tiveram muita sorte do IBAMA não pegar. Bom, se nós fôssemos vizinhos ruins, elas tinham se cravado mesmo. Essa região aqui desde aquela tira atrás do colégio lá pra baixo, tudo era mato até aqui onde está essa casa. Tu vê que elas cortaram tudo isso aqui e o vô, pra não se incomodar, ele dizia: “ah, deixa essas frescas aí, vão arrumar um incômodo”. Então, elas mandaram roçar tudo por baixo e a gente pensou que era só limpar por baixo. Olha, precisa ver, tinha ipê, angico, até aqui elas fizeram um depósito das madeiras ali e o vô não queria se meter nisso ali e deixou elas cortarem todo o mato, sendo que eles nem sabiam onde é que era a divisa, cortaram o que era delas e o que não era também. (Alvonir Carvalho)

Os vizinhos só não são denunciados porque as retaliações posteriores implicariam em perdas muito maiores. Fortalecer o capital social da comunidade de São Miguel aparece assim como estratégia de preservação ecológica. Por fortalecimento do capital social da comunidade, entende-se um processo de estímulo ao desenvolvimento de projetos que estabeleçam vínculos e conexões horizontais com atores públicos e privados, dotados de recursos de poder, e que permitam a ruptura com os vínculos verticais de dependência e busca de segurança.

Se o que está em jogo nas grandes agendas ecológicas, de forma global, é a formação de uma nova ética na relação com a natureza e a formação das pessoas, fortalecer protagonistas já culturalmente moldados para a preservação de um ecossistema é o caminho mais curto para esse objetivo. Fortalecer atores já intrinsecamente interessados na preservação de todo um ecossistema, no qual se inserem de forma vital, não é apenas econômico do ponto de vista dessa política de proteção à natureza, mas, sobretudo, estratégico pelo patrimônio cultural que representa esse modo de lidar com a natureza.

Se as plantas medicinais são tão importantes e as hortas são tão estruturais na organização do parentesco em São Miguel, preservar a reserva de mata onde ainda se encontram plantas medicinais, faunas e terrenos com capacidade para absorver as pequenas hortas é condição de existência desse grupo social.

Se a comunidade de São Miguel deve se constituir como um patrimônio para a nação brasileira é na medida em que essa sociedade de horticultores, voltada para a tradição como fonte de resistência, apresenta um modelo que inspira o projeto inadiável de recuperação da diversidade ecológica na relação homem-natureza.

É nesse sentido que a questão dos remanescentes de quilombos e, em particular, São Miguel dos Pretos pode se inserir no quadro da busca de “uma nova consciência de nossas responsabilidades em relação ao resto da natureza e aos outros humanos” (Merchant, C. 1992). Confirma-se a

indicação de Almeida (1989, p. 180), de que “não é por acaso que quando se vai nessas terras de preto, se descobre um grau de preservação da natureza maior do que no vizinho, maior do que no fazendeiro do lado que desmatou tudo”.

Esse ecossistema, no qual a comunidade negra se insere em uma relação prudente com a natureza, se vê ameaçado pela lógica capitalista do entorno que, além de dar vazão a uma apropriação do território da comunidade, promove crimes contra a natureza. Esses crimes estariam erradicados da região, caso a comunidade estivesse de posse do conjunto do território que precisa para esse manejo, conforme o “sistema dos antigos”. “Existe uma regra de uso, uma lição, inclusive, para a sociedade nacional; há uma forma de manejo sobre a qual estamos falando que não é do passado ou do “remanescente”, do que sobrou. Nós estamos falando é do futuro da sociedade brasileira” (Almeida, 1989, p. 181).

A sobreexploração do trabalho negro

Para os descendentes de Rita e Geraldo de Carvalho, a saída da escravidão representou apenas uma ruptura parcial com o regime de trabalho escravocrata. A autonomia do grupo, constituída no interior do território de São Miguel, precisou ser constantemente preservada e reafirmada ao custo do trabalho nas fazendas dos antigos e novos senhores. A memória de São Miguel registra uma linhagem de capatazes das grandes fazendas da família Carvalho, que vêm desde o Geraldo, passando pelo filho Manoel Albino (que, sendo mais novo, foi último a conquistar condições de emancipação), até o neto Valdomiro Carvalho (mais conhecido como Vô Valdo). Eles organizaram (com base nas relações de parentesco) a força de trabalho negra da região para abastecer a fazenda de arroz.

Para os grandes senhores da região, o trabalho sazonal se estabeleceu, assim, como substituto vantajoso do trabalho escravo sob múltiplos aspectos. Em primeiro lugar, os ex-escravos passam a viver de uma agricultura de víveres produzidos nas terras que adquirem, o que permite ao fazendeiro descarregar grande parte dos custos da reprodução dessa força produtiva sobre a economia doméstica constituída nos territórios de emancipação cultural. Ressalta-se, desse modo, o caráter complementar que essa economia doméstica assume frente a grande exploração agrícola na região. É por isso que esse território adquirido e expandido a custo de muito sobretrabalho é mais o lugar de uma emancipação cultural do que de emancipação como força de trabalho.

O regime de trabalho imposto aos trabalhadores de São Miguel diferencia, assim, dois momentos: por um lado, na sociedade doméstica constituída no interior do território negro, relações de produção e relações de

reprodução praticamente se confundem, pois se aplicam à totalidade da população da comunidade. Homens, mulheres e crianças se congregam na manutenção das hortas em uma divisão de trabalho extremamente tênue e flexível:

A atividade nossa aqui no interior não tem prioridade do homem ou da mulher, depende do que tiver mais em casa. De repente, se a mulher está em casa ela que cuida, mas se ela tiver necessidade de buscar o trabalho pra fora, como a gente tem muito o trabalho por dia, o diarista, aí o filho mais velho ou a filha mais velha que está vai atender à casa e vai atender aos compromissos da casa, a horta, até mesmo limpar uma planta. (José Leonir Carvalho)

Por outro lado, nas fazendas de fumo, arroz e soja dos arredores de São Miguel, o modo de produção agropecuário faz uso de uma força de trabalho doméstica de todo um conjunto de descendentes de escravos de vários pequenos povoados próximos (São Miguel, Martimianos, Varginha, Polesni...). O que cabe ressaltar aqui é que esse modo de produção principal não assegura sequer a reprodução simples da força de trabalho que utiliza, precisando estabelecer uma relação parasitária com o modo de produção doméstico. Isto é, ganhando R\$ 15,00 por dia em seis meses de atividades sazonal, os trabalhadores de São Miguel têm uma renda anual de R\$ 2700,00. Em hipótese alguma, essa força de trabalho se reproduziria se apenas dependesse disso. Nessa medida, uma significativa dimensão da produção dessa força de trabalho é assegurada na economia doméstica e exposta para o modo de produção.

Nessas relações entre a economia doméstica e o modo de produção dominante, é como se dimensões significativas do modelo primitivo de escravização se reestabelecessem como sobreposição de duas sociedades:

A exploração escravagista repousa organicamente sobre um modo de produção estrangeiro, o modo de produção doméstico, que produz as mulheres e os homens a quem o modo de produção escravagista transforma em escravos. Por isso, o modo de produção doméstico (que não repousa sobre nenhum outro) e o modo de produção escravagista não são homogêneos: eles não entram termo a termo na mesma categoria. É a razão pela qual não se pode conceber o "modo de produção", nesse uso, como um conceito propriamente dito, mas como uma simples noção. (Meillasoux, 1995, p. 247)

Na reprodução doméstica, o parentesco organiza o quadro social da procriação (o casamento) e da atribuição das filiações (troncos de parentesco) e prepara as relações de produção para preservar as condições materi-

ais de perpetuação do grupo. As características principais da relação de produção doméstica construída em torno da horticultura (relações vitalícias, de antecedência e de circulação intergerações dos produtos) convivem com a filiação aos troncos familiares. Na medida em que os recursos materiais no interior do território são insuficientes para essa reprodução do grupo, as forças produtivas domésticas ficam expostas a uma exploração contínua e regular no modo de produção externo à comunidade.